

Os estudantes e as lutas pela democracia: o movimento estudantil e Montes Claros – MG nos anos 1980

Students and the struggles for democracy: the student movement in Montes Claros – MG in the 1980s

Andrey Lopes de Souza

Doutor em História
Universidade Federal de Uberlândia
adyhistoria@yahoo.com.br

Recebido em: 22/04/19

Aprovado em: 16/08/19

Resumo: A década de 1980 é lembrada como momento de efervescência dos movimentos sociais urbanos. Marcado pelo fim da ditadura militar e as lutas pela democracia, essa década marca um conjunto de mobilizações que (re)configuraram as formas de organização de diversos sujeitos sociais. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar as movimentações estudantis em Montes Claros-MG, na década de 1980, especialmente no que toca as lutas contra a ditadura militar e na ocupação de espaços como diretórios estudantis, editoriais de jornais e partidos, dentre outros. Esse período foi marcado pela crescente industrialização e urbanização de Montes Claros, sendo que os estudantes secundaristas e universitários organizaram-se e posicionaram-se movimentando e ocupando diversos espaços na cidade. Ao fim, é possível perceber que os estudantes disputaram espaço na luta pela democracia, protagonizando manifestações pelo fim da ditadura, bem como o direito de participar da construção de uma sociedade democrática.

Palavras chave: História social; Movimentos sociais; Estudantes.

Abstract: The 1980s are remembered as a moment of effervescence of urban social movements. Marked by the end of the military dictatorship and the struggles for democracy, this decade marks a set of mobilizations that (re) configured the forms of organization of various social subjects. In this sense, the present work aims to analyze student movements in Montes Claros-MG, in the 1980s, especially regarding the struggles against the military dictatorship and the occupation of spaces such as student directories, newspaper and party editorials, among others. This period was marked by the growing industrialization and urbanization of Montes Claros, and the high school and university students organized and positioned themselves moving and occupying various spaces in the city. In the end, it is possible to see that students disputed space in the struggle for democracy, leading protests for the end of dictatorship, as well as the right to participate in the construction of a democratic society.

Keywords: Social History; Social movements; Students.

Introdução

Os anos 1980 são lembrados como um momento de efervescência dos movimentos sociais urbanos. O findar dessa década é marcado mundialmente pela queda do muro de Berlim (1989) que, de certo modo, é referenciada como marco fundamental que expõe o suposto “fim das utopias” e das movimentações coletivas. Nesse caso, é necessário deslindar os movimentos sociais que ocorreram nesse momento, no Brasil, a fim de analisar o constante fazer-se desses movimentos em um período marcado por incertezas quanto ao futuro do país. Na presente produção, foi escolhido o movimento protagonizado pelos estudantes, com objetivo de perceber as diversas formas assumidas pelo movimento na cidade, seja na luta contra a ditadura, seja na ocupação de diversos espaços como editorial de jornais, associações de bairro ou partidos. Como a história é um elemento fundamental para se pensar o presente, concordo com Déa Fenelon (2006) quando ressalta o direito à memória como uma reivindicação vital que é capaz de promover a diversidade e as diferenças. Esse exercício contribui para entendermos nossa sociedade, principalmente quando visualizamos o movimento dos estudantes, em que grande parte desses sujeitos hoje está em outros movimentos, lutas e espaços. Como aporte metodológico utilizamos entrevistas com partícipes do movimento estudantil local, bem como de jornais que circularam na região, a saber, o Jornal do Norte e o Jornal Diário de Montes Claros.

Nos anos 1980, Montes Claros¹ possuía uma faculdade particular intitulada Fundação Norte Mineira de Ensino Superior-FUNM. Os universitários eram representados pelos diretórios acadêmicos que se organizaram em torno de cada uma das quatro faculdades, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; a Faculdade de Medicina; a Faculdade de Direito e a Faculdade de Administração e Finanças. O Diretório Central dos Estudantes-DCE era o órgão máximo de representação universitária. Dentre os secundaristas, os grêmios escolares representavam os

¹ O município de Montes Claros, pertence ao Norte de Minas Gerais, contando, segundo o censo de 2006 com uma população de 588321 habitantes. No século XX, a cidade vivenciou movimentos migratórios e a industrialização. A chegada de novos moradores, mesmo que temporários, para Montes Claros ocorre desde a primeira metade do século XX, quando correntes migratórias vindas do noroeste de Minas Gerais e do Nordeste com destino ao Sudeste do país, em passagem por Montes Claros, acabavam aqui se instalando na cidade. Montes Claros era um ponto de parada para esses migrantes, sendo que, muitos deles, por não possuírem condições para prosseguir a viagem, que durava dias, acabavam por permanecer na cidade. Outro fator que contribuiu para a chegada de novos moradores na cidade foi a atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Esse órgão foi criado em 1959, pela lei 3.902, sendo que a partir de 1963 o Norte de Minas foi integrado oficialmente à Área Mineira da Sudene – AMS – e à Área Mineira do Polígono das Secas – AMPS. Com os incentivos fiscais da SUDENE, várias indústrias foram instaladas na cidade, o que contribuiu para a urbanização de Montes Claros.

estudantes, sendo que o Diretório dos Estudantes de Montes Claros-DEMC, era a entidade máxima de representação dos mesmos. Nos anos 1980 esse ambiente constituía o lugar de enfrentamento das questões cotidianas relacionadas ao bairro, à educação, ao lazer e à saúde, sendo que, nesse momento, os estudantes lutaram e improvisaram formas de luta na disputa pelo direito à cidade e pela defesa da cidadania e da democracia.

Cidades e estudantes: disputas de memórias

Ao pesquisar as edições do *Jornal do Norte*² publicadas ao longo dos anos 1980, rastreamos diversas aparições dos estudantes que transitavam pela cidade, imprimindo os rastros de suas vivências pelos lugares por onde passavam. Essas notícias indicam outras cidades e sertões diferentes dos representados pelo discurso oficial na atualidade. Memórias alternativas ganham expressividade nas páginas da imprensa que, sendo produzidas pelos estudantes, formulam e projetam o constante fazer-se do movimento estudantil.

Apesar da existência de grupos ligados à elite composta por fazendeiros e advogados da cidade, no *Jornal do Norte*, bem como em outros periódicos, havia pessoas que compartilhavam de vários projetos acalentados pelos estudantes, além da presença de ex-militantes estudantis que compunham o quadro de jornalistas dos periódicos locais, o que facilitava a divulgação das ações do movimento. O *Jornal do Norte*, conhecido como jornal de oposição à administração local no início dos anos 1980 era ligado ao MDB, momento esse em que Antônio Lafetá, representante do ARENA estava no poder municipal, o que vai ser revisto em 1982, com a eleição de Luiz Tadeu Leite.

Em outros momentos, a Ditadura se fez presente na cidade de Montes Claros. Evidentemente não fomos os primeiros a apontar sociabilidades calcadas a partir da repressão e censura do regime militar. Evelina Oliveira, no livro *Nova Cidade, velha política* mostrou o clima de repressão vivido pelos estudantes da cidade nos anos 60. As áreas urbanas de Montes Claros, nos anos 60, foram “palco do início da organização estudantil. Mesmo com a atuação restrita a um pequeno grupo, não deixaram de se embalar pelo canto Nacional reformista. Desenvolveram um

² O *Jornal do Norte*, hoje extinto, é conhecido na cidade por ter sido ligado ao então vereador de Montes Claros Luiz Tadeu Leite e ao MDB, partido de oposição à administração local, sendo que o *Jornal Diário de Montes Claros* representaria a gestão que estava na prefeitura até o ano de 1982 – eleição de Tadeu Leite para prefeito da cidade. Entretanto, essas ideias pouco nos podem dizer sobre as relações construídas entre o movimento e a imprensa montes-clarenses.

trabalho assistencialista com algumas incursões pelos bairros mais pobres; e sofreram vários tipos de repressão [...]” (OLIVEIRA, 1994, p. 128)

Essas memórias vêm à tona principalmente no momento das entrevistas, em que os entrevistados têm a oportunidade de serem ouvidos por alguém que, por meio de uma pesquisa, acaba por atribuir notoriedade a essas experiências e os escolhe para falar. No caso do movimento estudantil, muitos dos sujeitos que participaram dessas manifestações ou viveram nesse período, hoje, transitam pela Unimontes³ e pela cidade de Montes Claros. Quando essas pessoas se encontram, há o reforço de referência a episódios que os levam a relembrar o passado. Márcia Beatriz, que hoje é professora da Unimontes, procurou atribuir sentido a suas experiências ao narrar um encontro com Lourdes, diretora da FAFIL, em meados da segunda metade da década de 1980. Nos últimos minutos da entrevista, sem que fosse realizada uma pergunta, de forma livre e espontânea, ela relembrou esse episódio que expressa um dos momentos mais expressivos do enredo:

Esses dias eu encontrei a D`Lourdes. Ela era, na época, a diretora na FAFIL. Aí, ela brincou com uma pessoa: ‘Ah você conhece a Bia?’ ‘Conheço, ela já carregou até meu caixão’ (Risos). Então, nós já fizemos enterro de muita gente, dela inclusive. Fazíamos mesmo. Aí, pelo fato d`eu estar envolvida com arte, com teatro, então, sempre que tinha essas manifestações... Mas, assim... Vamos lá! Aí, levava caixão, levava flores... Então, tinha esse tipo de movimento, que, hoje, eu acho que perdeu muito, assim, n`é. Eu acho que o movimento estudantil era mais irreverente na época (XAVIER, 2008).

Atualmente, Márcia Beatriz encontra-se em posição similar à ocupada por Lourdes em meados de 1987, pois constitui o quadro de funcionários da Unimontes. Desse modo, o encontro com a antiga professora se dá sob outras formas de sociabilidades, marcadamente pela expressão de outros valores, visto que sua atual condição assim exige. Os episódios de enterro citados indicam algumas dessas outras memórias que conferiam outras formas ao movimento estudantil. Essa aproximação dos estudantes com a arte é o indicativo mais visível da produção de formas alternativas de intervenção no social. Ao relembrar esses momentos, ela equipara o movimento de ontem ao de hoje e vislumbra, assim, novos conceitos e novas práticas de movimento estudantil a emergir na cidade, em um espaço marcado ora pela negociação, ora pelo conflito, e demarcação de fronteiras e territórios de ação.

³A FUNM foi criada em 1962 e transformada em Unimontes no ano de 1989.

Assim, os estudantes transitavam pelas ruas, bairros, praças, instituições e movimentos da cidade, construindo redes de informação e interconexão com os diversos grupos sociais. A faculdade contribuía para esse trânsito, visto que, entre seus alunos, havia pessoas de várias procedências, estudantes que trabalhavam, filhos de fazendeiros, de políticos e de grandes empresários locais. Além do mais, muitos dos ex-estudantes da FUNM tornaram-se jornalistas e redatores dos periódicos da imprensa local, bem como escritores. Essa acabou por se tornar uma teia de relações que promovia maior mobilidade para o movimento estudantil na cidade.

Nesse sentido, a imprensa, as poesias e as fontes orais indicam um constante movimento de produção, de reforço e de renovação de projetos e memórias hegemônicas e também dissidentes que, em guerras de memórias, procuravam dar visibilidade a experiências distintas. Na tabela abaixo, podemos rastrear as diversas menções do Jornal do Norte quanto às ações estudantis, ao longo dos anos 1980:

Tabela 1:

Tabela de notícias publicadas no Jornal do Norte referente ao movimento estudantil da cidade de Montes Claros na década de 1980											
Ano	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	
Notícias											
Entrevista com líderes estudantis	01	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
DCE	13	11	17	20	09	16	01	29	60	01	
Das	09	16	04	05	06	07	02	03	08	01	
Demc/grêmios/secundaristas	16	04	01	X	01	01	01	12	09	X	
Eventos culturais e esportivos	04	11	12	17	03	12	01	05	09	03	
Manifestações Específicas	23	26	04	08	11	15	03	24	08	02	

Manifestações não Específicas	04	X	01	01	04	X	02	14	01	X
Movimento estudantil e outros segmentos da sociedade	08	X	02	X	02	X	01	09	02	01
União entidades estudantis diversas	06	21	06	08	02	09	05	24	03	01
Chamadas eleições e posses	07	03	05	04	X	04	X	04	03	X
Questões internas	06	09	01	X	01	01	X	04	04	X
Denúncia a instituições ou pessoas	01	07	09	03	X	01	03	08	02	02
Total	98	108	62	66	34	66	19	126	55	11

FONTE: Jornal consultado no Arquivo Pessoal de Américo Martins Filho.

Para rastrear as ações dos estudantes de Montes Claros utilizamos principalmente o Jornal do Norte que, ao longo da década de 1980, publicou diversas matérias e notícias a respeito do assunto. As entrevistas realizadas com participantes do movimento revelam uma miscelânea de posicionamentos e sociabilidades construídas entre o movimento estudantil e a imprensa na cidade. Marcos Fábio Martins de Oliveira, ex-presidente do DCE, em entrevista sobre a relação entre o ME e a imprensa, disse:

o DCE estava sempre presente na imprensa, né? A imprensa de Montes Claros sempre teve uma receptividade muito boa para com o movimento estudantil. Grande parte dos jornalistas foram estudantes ou tinha simpatia pelo movimento estudantil e, então, as coisas eram bem repercutidas em termo de reportagem pelo DCE. (OLIVEIRA, 2006)

Marcos Fábio de Oliveira comentou que, na sua gestão de 1987, eles sempre estavam em busca da imprensa, já que o número de funcionários dos jornais era pequeno e para eles aparecerem tinham de “correr atrás”. A existência de estudantes e ex-estudantes da FUNM que trabalhavam na imprensa facilitava a publicação de notícias sobre o movimento. Marcos Fábio Oliveira também era estudante do curso de Economia da FADEC e independente – não possuía ligação partidária

–, como se dizia naquele momento. Tal fato facilitava uma maior receptividade para divulgação de suas ideias.

Já Eurípedes Xavier, presidente do DA-FAFIL em 1988, indica relações diferentes, ao afirmar que a imprensa apenas se abria ao ME em um fato que fosse de interesse e impacto social, como o caso da luta contra a instalação do depósito de lixo atômico em Montes Claros. Ele sublinha que, pelo fato de o processo democrático no Brasil ainda ser incipiente, os riscos à ordem institucional ainda existiam, para

grande parte da imprensa. Ela ainda via no movimento estudantil um certo ‘q’ de subversão, viam os dirigentes das entidades estudantis de certo modo ainda como subversivos que podiam trazer algum risco à sociedade. E ela, portanto, se abria muito pouco para o que o movimento estudantil fazia. Sempre foi uma relação de certa dificuldade entre o movimento estudantil e a imprensa. (XAVIER, 2006)

Os líderes estudantis expressam posições diferentes quanto à cobertura da imprensa aos movimentos estudantis na cidade. Eurípedes Xavier era um estudante de posições esquerdistas, nesse momento filiado ao PCdoB, partido do qual, hoje, é um dos principais representantes no Norte de Minas Gerais – e pelo qual foi eleito para vereador de Montes Claros por vários mandatos. Desse modo, a tabela acima, com o rastreamento de alguns dos tipos de reportagem publicadas no Jornal do Norte sobre o movimento estudantil, vale como subsídio para compreender o panorama do período.

Comparando o número de reportagens publicadas em 1987, que foi o ano da gestão de Marcos Fábio, com o ano da gestão de Eurípedes Xavier, em 1988, percebemos um maior número de reportagens no primeiro ano citado. Com relação ao Jornal do Norte, é perceptível, por meio até mesmo das notícias publicadas, que, quanto maior fosse o conhecimento de pessoas que trabalhassem nos periódicos, bem como o não envolvimento do diretório com grupos e partidos afinados ao discurso esquerdista, maiores poderiam ser as chances de publicações sobre o movimento. No caso da gestão de Marcos Fábio Oliveira, é notória a maior efervescência no DCE quanto à participação estudantil, bem como a preocupação em aparecer na imprensa para divulgar as ações do ME universitário.

Os jornais que circularam na cidade nos anos 80, a saber, o Jornal do Norte, o Jornal Diário de Montes Claros e o Jornal de Montes Claros, muito colaboraram para a estruturação e divulgação das ações estudantis. As diversas lutas e bandeiras que o movimento estudantil empunhou ganharam as páginas da imprensa montes-clarense, já que não apenas as passeatas foram divulgadas,

mas também os diversos eventos culturais e esportivos, as chamadas para eleições das entidades, dentre outras notícias.

No entanto, não apenas foram editadas notícias que construía percepções e memórias positivas do Movimento Estudantil - ME, mas também reportagens depreciativas e negativas. No Jornal do Norte, é perceptível o número de notícias que diziam respeito a questões internas ao ME, como partidização, dentre outras. A tabela também mostra que, no início da década de 1980, em especial nos anos de 1980 e 1981, apareceu um número maior de notícias referentes ao meio estudantil, o que indica que esse período foi um momento de tentativa de “retomada” do ME na cidade. De 1980 a 1983, houve um número considerável de publicações a respeito da “retomada” das ações estudantis – grande parte das notícias referentes ao Diretório dos Estudantes de Montes Claros-DEMC (movimento secundarista) no início dos anos 80 foi de críticas e denúncias de corrupção. Desse modo, esse início de década foi marcado não somente pela “retomada”, mas pela reestruturação interna do ME. Começou a discutir-se cada vez mais a esfera interna para haver tal retomada.

No ano de 1984, houve uma diminuição considerável do número de reportagens, o que é estranho, pois se tratava do período da campanha pelas eleições diretas para presidente da República. O que pode ser explicado pelo fato de que os meses de abril, maio e junho do referido jornal não puderam ser disponibilizados para consulta, visto que estão em péssimo estado de conservação. Por meio da tabela, percebemos que, com o fim da Ditadura Militar, houve uma diminuição do número de reportagens, sendo somente no ano de 1987, na gestão de Marcos Fábio de Oliveira no DCE, que houve uma aparição maior do ME. O fazer-se do movimento vai ocorrendo com a renovação constante dos quadros estudantis, entre idas, vindas, recuos, acomodações e deslocamentos.

A fala de Eurípedes Xavier indica os meandros da relação movimento estudantil, imprensa e Ditadura. Esse é um posicionamento e uma fala diferente da passagem dita por Marcos Fábio. Lipa Xavier participou e foi filiado a diversos grupos de esquerda, como o PCdoB, e integrou a Associação dos Grêmios de Montes Claros-AGREMOC, instituição que, no início dos anos 80, recebeu várias críticas por controlar o DEMC, ao contrário de Marcos Fábio Martins de Oliveira, que se dizia “independente” à época. Por isso suas experiências foram diferentes e, hoje, os dois entrevistados ocupam lugares distintos na sociedade montes-clarense. Eurípedes Xavier foi vereador eleito pelo PCdoB em Montes Claros nos mandatos, 2001-2004 e 2005-2008, e Marcos

Fábio, atualmente, é professor da Unimontes. Desse modo, os referenciais para interpretação do passado são outros, ou seja, as marcas do estudante esquerdista acompanham com maior força o militante do PCdoB do que o estudante independente. Isso parece mais visível quando Lipa Xavier afirma, sobre a imprensa, que “Ela ainda via no movimento estudantil um certo ‘q’ de subversão, viam os dirigentes das entidades estudantis de certo modo ainda como subversivos que podiam trazer algum risco à sociedade.” (XAVIER, 2006) Mesmo nos anos 1980, em Montes Claros, a censura e, porque não dizer, a Ditadura, não deixa de se fazer presente nas falas dos estudantes e em suas trajetórias.

Ao relembrar os anos 80, é notória a referência à campanha “Diretas Já”, às greves do ABC paulista, à fundação do Partido dos Trabalhadores, à abertura política em 1985 e à Assembleia Nacional Constituinte de 1988. Esses episódios expressam um conjunto articulado de movimentações que conferiam ritmo à sociedade brasileira e à cidade de Montes Claros, nas lutas pela democracia, e indicavam a formulação de projetos que questionavam o poder instituído em 1964.

As maneiras de questionar as variadas formas cerceadoras vigentes na sociedade se deram por meio da negociação e do conflito. Em Montes Claros, os tentáculos da Ditadura Militar se fizeram presentes por meio das diferentes instituições existentes na cidade, como as faculdades, a prefeitura, a imprensa e outros. Essas formas de desarticulação dos movimentos sociais existentes na cidade constituíam expressões que instituía anseios projetados por uma elite governante composta por médicos, advogados e fazendeiros que almejavam ser os construtores e narradores da história da região e, por vezes, iam ao encontro de práticas cerceadoras utilizadas pelos governos militares. Desse modo, eles estavam presentes nos jornais, na TV, na prefeitura, nas faculdades, dentre outras instituições, em um espaço marcado pela negociação e pelo conflito, pois nesses mesmos lugares havia simpatizantes dos movimentos sociais existentes na cidade. Por isso consideramos importante tratar minuciosamente as formas de questionar o poder instituído, por se tratarem de configurações e formulações de projetos que movimentam a história como um campo de possibilidades reais e imaginárias, vividas e acalentadas pelos sujeitos sociais que transitavam na sociedade brasileira. Os elementos que compõem o controle social e as formas alternativas opostas não se articulam de um dia para o outro, inadvertidamente, mas constituem “projetos historicamente vivenciados em experimentações” que, comumente, têm conexão com uma correlação de forças elaboradas no social, significando imposições de desejos sobre projetos

dissidentes, “ainda que perdedores, exprimem vontades, visões e perspectivas do real”.(VIEIRA, PEIXOTO e KHOURY, 1991, p. 8)⁴.

A questão da Ditadura Militar esteve presente na trajetória do movimento estudantil em Montes Claros. Nos primeiros meses do ano de 1980, o presidente do DEMC, Paulo Ribeiro, organizou uma caravana para o Encontro Nacional de Estudantes Secundaristas – ENES –, realizado em Belo Horizonte. No I ENES, havia sido decidido que o dia 28 de março de 1980 seria o Dia Nacional de Luto em memória do estudante secundarista Edson Luiz Lima Souto, morto durante o embate entre a polícia militar e os estudantes no restaurante Calabouço, que participavam de uma manifestação da Frente Única dos Estudantes do Calabouço – FUEC –, pela diminuição do preço das refeições no ano de 1968.⁵ A UBES foi “reconstruída” no final do ano de 1981, em Curitiba. Antes desse ano, em 1979, no congresso de “refundação” da UNE, realizado em Salvador, os secundaristas presentes aproveitaram a ocasião para marcar o I ENES, a ser realizado naquele mesmo ano, em Belo Horizonte. A participação dos secundaristas norte-mineiros nos ENES indica a ligação destes com projetos vivenciados pelo movimento estudantil no país.

Na terceira página dedicada a assuntos da cidade, o Jornal do Norte, no dia 21 de março de 1980, em notícia, discorreu sobre o movimento e publicou trechos de panfleto distribuído pelo DEMC na cidade, que convocava os estudantes para o Dia Nacional de Luta e Luto em memória ao secundarista Edson Luiz:

Há 12 anos atrás, no dia 28 de março de 1968, tombou um herói estudantil, vítima da Ditadura. A polícia da Ditadura, assassinou o nosso colega Edson Luiz que na época, contava com apenas 19 anos de idade. O objetivo deste ato desumano, foi calar uma boca que gritava por um futuro melhor, uma mente consciente que clamava por melhores condições de ensino, por um ensino voltado por interesses populares! (Jornal do Norte, 1980a, p. 3).

⁴ Em relação à ideia de transição da Ditadura para a democracia, tida como aceita pela maioria dos livros didáticos, considero que aparte a história – em um jogo de exterioridade do que é mais genuíno em sua constituição – do processo. Sidney Chalhoub, no momento em que analisou a chamada “transição” do modo de produção escravista para o trabalho livre no Brasil, advertiu sobre o fato de esse conceito ser problemático, pois ele engessa o movimento da história ao passar uma noção de previsibilidade e linearidade. Assim, como ele, “prefiro, então, falar em ‘processo histórico’, não em ‘transição’, porque o objetivo do esforço aqui é, pelo menos em parte, **recuperar a indeterminação**, a imprevisibilidade dos acontecimentos, esforço este que é essencial se quisermos compreender adequadamente o sentido que as personagens históricas de outra época atribuíam as suas próprias lutas”. (CHALHOUB, 1990 p.20).

⁵No ano de 1968, houve um ato em tributo ao estudante Edson Luiz em Montes Claros. Em março de 1968, em matéria publicada no Jornal Diário de Montes Claros, intitulada “Choque do Batalhão cercou a Universidade prevenindo acidentes”, lê-se que foi realizado ato público em tributo a Edson Luiz. A matéria trouxe aversão ao ato do 10º Batalhão de Infantaria que cercou a Faculdade de Filosofia, local em que se realizava uma missa pela morte de Edson Luiz. Wanda Rocha, em monografia sobre a imprensa montes-clarense na Ditadura Militar, afirmou que cerca de cinquenta soldados estavam de sobreaviso em local pouco iluminado, mas, como o ato foi pacífico, com apenas uma missa e pronunciamento dos estudantes, não houve qualquer incidente. (ROCHA, 2005).

A tentativa de comover os possíveis leitores, principalmente os estudantes, é notória. Em vários lugares e momentos houve manifestações em memória a Edson Luiz que, inclusive, acabou por se tornar uma bandeira do movimento estudantil. Desde sua morte, em 1968, a presença do seu nome foi considerada símbolo da luta contra a Ditadura. A pesquisadora Maria Ribeiro do Valle analisou os textos publicados pela Revista Visão no momento, que, ao abordar o acontecido no ano de 1968, afirmou que “o radicalismo estudantil vai exibi-lo ao máximo para atrair a classe estudantil à luta” (VALLE, 1999, p. 56). A força da memória em torno da participação de Edson Luiz na luta contra a Ditadura explica a escolha desse dia como uma data nacional do movimento estudantil. A promoção desse dia em Montes Claros, pelo DEMC, indica o envolvimento da entidade com as atividades das entidades estudantis nacionais.

Conforme Zuenir Ventura, o estudante Edson Luiz não era um líder estudantil, sendo que sobrevivia graças à alimentação barata do restaurante Calabouço e que, para estudar, recorria a pequenos expedientes, como a limpeza do estabelecimento (VENTURA, 1988). No entanto, sua morte contribuiu para gerar descontentamento entre os estudantes. Na edição do dia 28 de março do Jornal do Norte, foi publicada outra notícia em que um histórico explica os motivos do Dia Nacional de Luta e Luto em Memória a Edson Luiz:

Luto pela morte dos estudantes Edson Luiz, Sônia Maria e o estudante assassinado recentemente no Pará e de todos aqueles que deram a sua vida na luta pela verdade. Luta por um ensino público e gratuito, por mais verbas na educação, pela liberdade de organização e expressão e pelo fim do ensino pago (Jornal do Norte, 1980b, p. 3).

Essa manifestação teve espaço no Jornal do Norte. Não podemos deixar de lembrar que Miguel Vinícius (presidente do DA-FAFIL em 1980) e Felipe Gabrich (presidente do DA-FADEC) compunham o quadro de repórteres do periódico, o que indica que a presença desses militantes nas redações dos periódicos possa ter favorecido a publicação desses textos.

Nessa notícia, há trechos da fala de Paulo Ribeiro, então presidente do DEMC. Além de convocar os estudantes para a manifestação e falar da importância que o ato assumia para o movimento, ele aproveitou a ocasião para dizer que a presença dos estudantes seria “um sinal de que nós estamos unidos e os estudantes unidos jamais serão vencidos”. Esse constituiu um *slogan* do movimento estudantil e das oposições à Ditadura. Não podemos deixar de mencionar que frases de efeito e *slogans* possuem a finalidade de dotar a manifestação de legitimidade e vivacidade nas diversas vezes em que são repetidas, transformando-as em chavões. Quanto mais esses artifícios possuírem elementos que sejam compartilhados pelo grupo, maior sua penetração. Essas frases

têm, então, o objetivo de reafirmar vontades e projetos. No entanto, o pesquisador precisa estar atento ao que está para além da frase de efeito, percebendo o que representa para cada um desses desejos.

O Jornal do Norte, no primeiro dia de abril do ano de 1980, publicou notícia sobre a manifestação que ocorreu na Praça Pio XII, conhecida Praça da Catedral, em região central da cidade. Na notícia, foi publicado que a manifestação esteve sob vigilância de dois pelotões de choque da polícia militar. Tal fato indica que, mesmo em fins da Ditadura Militar, em um período marcado por uma possível abertura política, o ato promovido pelos secundaristas foi visto com desconfiança pela polícia, visto que, realizado ali, seria uma forma de protesto ao poder instituído.

Na reportagem publicada no jornal foi escrito que os padres da cidade se negaram a participar da manifestação. Em virtude da negação por parte do clero local de participar do movimento, “a solução foi uma simples oração comandada voluntariamente pelo ex-secretário municipal da administração, João Luiz de Almeida Filho” (Jornal do Norte, 1980c, p. 3). No texto, publicou-se que Paulo Ribeiro criticou o clero local, acusando-o de inoperante, afirmando, inclusive, estar “decepcionado com os padres que não quiseram celebrar a missa em homenagem aos estudantes assassinados em 68” (Jornal do Norte, 1980c, p. 3). Naquele período, a Teologia da Libertação possuía grande inserção na cidade, principalmente a partir de vários grupos de jovens, com a proposição de equacionar fé e política. No entanto, era uma vertente dentro da Igreja Católica e não representava o pensamento integral do catolicismo. Embora com forte politização advinda da Teologia da Libertação, a Igreja preferia não participar da manifestação, talvez em virtude do caráter contestador ao poder instituído. Esse posicionamento dentro da Igreja indica a correlação de interesses existentes dentro dela.

Ainda foi publicado no jornal que houve a participação de aproximadamente cinquenta estudantes de colégios da cidade, os quais ergueram faixas e cantaram: “mais arroz, mais feijão e menos opressão”, assim como a música “Para não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré. A paródia cantada provavelmente referia-se ao alto custo de vida enfrentado pelos brasileiros nesse momento. O crescimento econômico, que antes era uma das bases propagandísticas da Ditadura Militar, perdia o efeito positivo e ganhava efeito contrário com a inflação e desemprego crescentes. Paulo Ribeiro aproveitou a oportunidade de publicar sua fala no Jornal do Norte e disse: “*as escolas atualmente, são aparelhos que trabalham em favor da Ditadura militar.*”

Disse ainda que o único colégio que apoiou o movimento do diretório foi o Polivalente. Os outros tentaram evitar que os seus alunos participassem” (Jornal do Norte, 1980c, p. 3) [Grifo nosso].

O trecho da reportagem indica que o DEMC, pelo menos nesse momento, não possuía um bom diálogo com a direção das escolas de Montes Claros de uma maneira geral. O mais interessante é que, quando Paulo Ribeiro afirmou que as escolas eram aparelhos que trabalhavam em favor da Ditadura, uma crítica direta a esta foi realizada e editada no Jornal do Norte em abril de 1980. Segundo Fernando Gabeira, aparelhos eram as casas utilizadas para atividades políticas de esquerda. Esse nome era utilizado pela direita para indicar os lugares onde os “subversivos” se encontravam (GABEIRA, 1988). Logo, Paulo Ribeiro colocou a escola como um lugar de disseminação de ideias direitistas, como forma de intervir na formação social e política do estudante.

Na reportagem do Jornal do Norte ainda foi publicado que o DEMC havia solicitado aos partícipes que saíssem em grupos, visto que, naquele momento, no quarteirão ao lado, havia dois pelotões da polícia militar. Conforme representantes do diretório, naquela altura dos acontecimentos, testemunhas eram importantes. Na mesma reportagem, o Sargento Caldeira, que comandou os pelotões da polícia militar, reforçou “que a participação da polícia era mínima e estava ali apenas como prevenção, pois, em sua opinião, em todo local, há maus elementos” (Jornal do Norte, 1980, p. 3). Nesse momento, a Ditadura ainda não havia chegado ao fim, por isso ainda havia certo clima de desconfiança entre os estudantes. O DEMC sempre esteve envolvido em denúncias e críticas, principalmente por disputar a direção do diretório, o que explicava a presença da polícia. Como a Ditadura não havia findado, percebemos que a presença da polícia militar não foi apenas uma forma de acompanhar a manifestação, mas provavelmente havia certa desconfiança de manifestação mais provocativa quanto ao poder instituído.

O tema ganhou novo destaque em editorial publicado no Jornal do Norte, no dia 09 de abril de 1980, intitulado “A vez dos estudantes”, que foi assinado por João Avelino. Temática ligada aos estudantes ganharam espaço no editorial do jornal, o que é de grande relevância nesse processo de luta pelo direito à cidade. Lembrando que o Jornal do Norte, hoje extinto, é conhecido na cidade por ter sido ligado ao então vereador de Montes Claros Luiz Tadeu Leite e ao MDB, partido de oposição à administração local e que se reconhecia nos anos 1980 como partido que agregou sujeitos sociais que defendiam pauta de grupos ligados aos movimentos sociais. No editorial, ele comentou sobre o ato organizado pelo DEMC na Praça Pio XII. Conforme João Avelino, esse ato promovido pelo DEMC, ocorrido com grande participação dos estudantes secundaristas, marcaria

o reencontro da entidade com os seus representados, visto que essa foi a primeira manifestação organizada pelo diretório depois de um período de inoperância na década de 1970. A trajetória da entidade nos anos 1970 não foi pesquisada, mas, vez por outra, em alguns materiais produzidos na década de 1980, há menções que apontam certa paralisação nas atividades do diretório nesse período. Depois do ano de 1968, principalmente após o Ato Institucional 5 – AI-5 – e o Congresso de Ibiúna, em que a polícia política prendeu diversos líderes militantes estudantis, a perseguição e censura quanto ao movimento se intensificou.

O editorial foi escrito em certo tom de crítica às gestões que estiveram à frente do diretório nos anos 1970, visto que foi dito que o ato promovido pelo DEMC, em 1980, poderia significar o retorno do diretório ao seu principal objetivo, a saber, a defesa dos direitos dos estudantes. As críticas não terminaram por aí, pois ainda foi ressaltado que o patrimônio do DEMC era fruto de luta de gestões anteriores ao ano de 1968. Como o ano de 1968 - momento em que o AI-5 foi promulgado -, acabou por transformar-se em um marco, não foi estranho sua referência como temporalidade para reforçar a importância do momento e explicar essas experiências. Ao ressaltar as lutas empreendidas pelas gestões anteriores ao ano de 1968, o editorial ressaltou que a construção da Escola Normal foi reivindicação exitosa do DEMC:

O DEMC sempre desempenhou papel importante dentro da comunidade. Com o advento, entretanto, do regime de exceção, esta entidade tornou-se como a maioria, inteiramente inoperante, servindo apenas a interesses de pessoas que se valeram da marginalização estudantil para tirar altos proveitos financeiros da renda de carteirinhas e em outras realizações em que o estudante foi usado e ludibriado em sua boa fé (Jornal do Norte, 1980d, p. 2).

No editorial, é perceptível a crítica à Ditadura Militar que supostamente havia interferido na dinâmica interna do diretório, principalmente pós-1968. O editorial escancara a presença de interesses particulares na instituição, assim como acusa as gestões pós-1968 de corrupção, passando a entidade, depois desses anos, a ser uma “mera expedidora de carteirinhas e trampolim para seus dirigentes ascenderem-se no campo comercial” (Jornal do Norte, 1980d, p. 2). O tema das carteirinhas em vários momentos ganhou espaço nas páginas do periódico. Acusações de corrupção, envolvendo a venda de carteirinhas, indicam que esse tema está relacionado às disputas dos estudantes pela direção do diretório.

Ainda foi publicado que o estatuto do DEMC nos anos 1970 havia sofrido modificações:

As modificações feitas em sua estrutura administrativa, promovidas por um estatuto padrão, imposto pelo governo, constituem uma verdadeira aberração e um retrocesso na história democrática desta entidade, cuja principal preocupação

a nortear sua filosofia organizada, antes de 1968, era justamente a sua independência, como órgão genuinamente de representação estudantil (Jornal do Norte, 1980d, p. 2).

Quanto aos órgãos estudantis nacionais, a Ditadura Militar interferiu em suas organizações. Após o golpe de 1964, a política educacional se modelou com o constante e rígido controle político-ideológico da educação em todos os setores. A crítica de João Avelino indica que o DEMC foi alvo de diversas interferências em sua estrutura.⁶ O editorial, em todo momento, ressalta o papel do DEMC na história da cidade e pontua a Ditadura como a principal responsável pelo “retrocesso na história democrática da entidade”.

O editor João Avelino ressaltou que a nova diretoria da entidade, representada por Paulo Ribeiro, merece o crédito entre os estudantes, até mesmo porque entre suas primeiras atividades se inclui a criação dos grêmios gerais nas escolas. Ele ainda mencionou: “*não importa que digam que o movimento estudantil é festivo e inconsequente. O que não se pode é impedir a participação e manifestação do estudante no processo de reestruturação democrática do país*” (Jornal do Norte, 1980b, p. 2). [Grifo nosso]. A impressão que considera o movimento estudantil como inconsequente e festivo provavelmente compunha uma forma de ler as experiências estudantis nesse período. No entanto, o editorial chama a atenção para pensar que os estudantes estavam lutando pela reestruturação democrática no país.

O ato público promovido pelo DEMC, inclusive a publicação de notícias e reportagens no Jornal do Norte, também constitui uma forma de luta pela democracia, pelo fato de que os textos publicados possuem forte teor questionador à Ditadura. O espaço obtido pelos estudantes no periódico expressa esse posicionamento do jornal, não esquecendo que entre os seus repórteres estavam militantes do movimento estudantil.

A questão da Ditadura Militar voltou a ganhar destaque no início dos anos 1980 no Jornal do Norte, quando uma série de ataques ocorridos em Montes Claros ganhou as páginas da publicação, ressaltando-se que essa não foi a primeira vez que esse tema da Ditadura ganhou espaço no periódico. Naquele momento, ainda ocorriam atentados aos grupos de esquerda e às bancas de jornal que vendiam periódicos de cunho esquerdista no Brasil. A Ordem dos Advogados do Brasil

⁶ Márcia Pereira da Silva resalta a política educacional da ditadura militar e a interferência da mesma nas entidades estudantis. “A ditadura colocou fora da lei a UNE e toda tentativa política vinda de acadêmicos; tentou dissolver os órgãos representativos dos estudantes secundaristas, os grêmios estudantis, substituindo-os por centros cívicos, cuja orientação cabia ao professor nomeado para ensinar a nova matéria: Educação moral e cívica” (SILVA, 2001, p.53).

– OAB –, a Associação Brasileira da Imprensa – ABI – e outros segmentos da sociedade civil sofreram esses ataques nos anos 1970. Tais atentados visavam impedir a possível abertura política.⁷

Em Montes Claros, essa questão movimentou o DCE e o DEMC que, conseqüentemente, se posicionaram em relação a tais atos. O Jornal do Norte publicou notícia de primeira página sobre o acontecido no mês de setembro no ano de 1980. Foi escrito que:

Várias pessoas de renome discursando expressando o perigo que representa para a nação o aumento de casos de ir às bancas de Jornais, fatos que, ao que tudo indica, são de responsabilidade de grupos de extrema direita empenhados em bloquear o processo de abertura política (Jornal do Norte, 1980e, p. 1).

Os estudantes de Montes Claros participaram das lutas sociais pela democracia nesse momento. Eles integraram essas lutas e não apenas direcionaram-se até um periódico e sublinharam sobre o descontentamento quanto a tais atos. A ocorrência de alguns ataques na cidade, em 1980, levou os estudantes e outros setores a uma mobilização maior, segundo noticiava o Jornal do Norte no dia 19 de setembro:

Em Montes Claros, já foi criado um movimento de combate ao terrorismo direitista que acaba de chegar a esta cidade, tendo sido realizado às 17 horas de anteontem, no DA/ FAFIL, a primeira reunião com esse objetivo. Fazem parte dele o DCE, DAs da FAFIL e da FADIR, Diretório dos Estudantes de Montes Claros, Associação dos Metalúrgicos, Partido do Movimento Democrático Brasileiro, Partido dos Trabalhadores, Partido Democrático Trabalhista e Jornal Hora do Povo (Jornal do Norte, 1980f, p. 3).

A partir dessa citação, tomamos nota de que não foi somente nas greves das capitais brasileiras que esses atos terroristas repercutiram em grandes debates. Em Montes Claros, vários segmentos da sociedade civil se uniram para protestar contra os ataques. O Jornal do Norte, que, anteriormente a essa primeira notícia publicada ao longo do ano de 1980, publicava principalmente temáticas mais gerais relacionadas à cidade, como seus problemas estruturais, a política municipal e os eventos promovidos, teve como assunto a Ditadura Militar e trouxe à tona outras vivências da cidade.

Os órgãos de representação estudantil se uniram, juntamente com outros segmentos da sociedade civil da cidade, o que revela que em alguns momentos o movimento estudantil

⁷ “Em meados de 1976, começaram ataques à bomba em sedes de instituições civis de caráter oposicionista. A primeira bomba explodiu em 29 de agosto de 1976 na ABI, enquanto outra era encontrada na OAB, ambas no Rio de Janeiro”.(p.266). Segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva, “em face da ameaça de a oposição definitivamente tomar a liderança do processo de abertura, e em face da perda de privilégios de que gozavam sob o regime militar, a comunidade de informação retornou seu projeto de desestabilizar a abertura. Os atentados eram atribuídos a um pretenso grupo de oposição até então desconhecido” (SILVA, s.d, p. 270).

secundarista e universitário agiu em conjunto. Essa foi uma bandeira que unificou os diversos sujeitos sociais em busca de um objetivo comum: a luta contra a Ditadura. Tais grupos e partidos citados eram afinados ao discurso esquerdista e tidos como seus representantes, sendo que naquele momento objurgavam o governo existente e constituíam um canal de expressão alternativo aos militares. Esses sujeitos comungavam de interesses comuns que atendiam a demandas de um conjunto de lutas cotidianas contra discursos hegemônicos a fim de questionar formas repressivas a princípio naturalizadas e aceitas como senso comum.

A partir desse momento, um boletim foi produzido pelo movimento, objetivando publicizar formas expressivas de manifestação de práticas cerceadoras vividas no terreno das relações sociais. Elementos esses que revelavam (in)junções elaboradas pelos sujeitos sociais que, por conseguinte, compunham lutas sociais em batalhas de memórias que traduzem sociabilidades e produzem conceitos sobre o viver na cidade. Um boletim distribuído pelo movimento foi editado em trechos no Jornal do Norte na edição de 19 de setembro de 1980 e sublinhou que:

dia 5 deste mês, o terrorismo chegou a Montes Claros para tirar a paz e a tranquilidade do povo desta cidade, na sua caminhada pela democracia e por melhores dias para nossa pátria. Elementos estranhos percorreram as bancas de Jornais e entraram na distribuidora Tahis, ameaçando com bombas e destruições caso continuasse à venda da imprensa democrática: Hora do Povo, Movimento, Pasquim, Em Tempo, Tribuna Operária e outros (Jornal do Norte, 1980f, p. 3).

Todas essas entidades, a saber, DEC, DEMC, Associação dos Metalúrgicos, Partido do Movimento Democrático Brasileiro, Partido dos Trabalhadores, Partido Democrático Trabalhista e Jornal Hora do Povo, dentre outras, solicitavam a presença da polícia nas bancas, para garantir a segurança e a tranquilidade, ao mesmo tempo em que intitulavam os grupos como “terroristas” e “apátridas”, que reagiam às amostras de alerta e prontidão do “povo brasileiro” para se libertar da corrupção.

Tal fato expõe evidências de como se vivenciava a Ditadura Militar no Norte de Minas Gerais. Mesmo longe das grandes capitais, o clima de repressão se mostrava presente. A invasão à distribuidora Tahis, conhecida por distribuir a imprensa alternativa, pois ligada a grupos de esquerda que não eram afinados ao discurso dos militares, movimentou a cidade que parecia tranquila, conferindo uma diferente dinâmica ao movimento, que construiu e reafirmou os laços existentes entre os grupos de esquerda da cidade.

Posteriormente, no Jornal do Norte, em março de 1984, encontrado em pasta de recortes de jornais intitulada “Denúncias”, na DPDOR, foi anunciado que aproximadamente mil e

quinhentos universitários iriam participar de uma passeata no centro da cidade pelas eleições Diretas. Conforme o presidente do DCE naquele ano, Benedito de Oliveira Gonçalves, os universitários marcaram para se concentrar próximo à FAFIL,

a partir das 15 horas quando serão elaborados cartazes, faixas e outros tipos de manifestações, assim como também um ‘caixão’ das indiretas a ser carregado durante a manifestação que acabará no ‘cimentão’, onde será realizada a grande manifestação norte-mineira pelas eleições diretas (Jornal do Norte, 1984a).

Em outra ocasião, menos de dois meses depois, em outro recorte da mesma pasta de colagens, encontramos uma notícia em que o Jornal do Norte divulgou uma vigília realizada pelos estudantes na Câmara Municipal, com o objetivo de conseguir as eleições diretas:

Presente a vigília feita pelos universitários na Câmara dos vereadores, pelas eleições diretas, o assessor de imprensa da FUNM, Elton Jackson Gomes da Motta, anunciou ontem, que as denúncias feitas por alguns vereadores, tachando os universitários de vândalos, não tem fundamento, pois não foram os responsáveis pela anunciada bagunça (Jornal do Norte, 1984b).

É, pois, possível perceber algumas formas de inserção dos estudantes montes-clarenses na campanha pelas eleições diretas. O caixão das “indiretas”, assim como uma vigília em frente à Câmara Municipal, indica formas de luta contra o poder instituído. Na passagem acima, indica-se que os universitários foram taxados de vândalos por alguns vereadores, o que pode ter contribuído para a produção de impressões negativas sobre os estudantes perante a sociedade, embora o assessor da FUNM tenha afirmado que as denúncias não apresentavam fundamento. A tensão dessas relações é evidenciada no posicionamento do vereador que foi ao encontro da imprensa e publicizou sua opinião contra os demais. Os reais interesses envolvidos nessa situação não podem ser compreendidos em sua plenitude, mas percebemos as disputas e formas de pressão e limites que eram utilizados por diversos sujeitos sociais em uma via de mão dupla.

A luta pelas Diretas Já ganhou força no ano de 1984, ocorrendo em diversas cidades brasileiras manifestações pelo fim das eleições indiretas. Marco Aurélio Garcia, em artigo intitulado *São Bernardo: A (auto) construção de um movimento operário*, teceu considerações instigantes para analisarmos o movimento pelas Diretas Já. Ao analisar o movimento operário, ele afirmou que sua análise não parte de “causas estruturais”, compreendidas como formas racionais que se encontram fora do mesmo. Para ele, o movimento operário não é o reflexo de “estruturas” econômicas ou políticas. “Ele se autodetermina; sua racionalidade está no seu interior, na forma pela qual ele faz (e se constitui na) história, isto é, na luta de classes” (GARCIA, 1982, p. 10).

Esse pressuposto apresentado por Marco Aurélio Garcia é de grande valia, na medida em que nos instiga a pensar as lutas pela melhoria da educação, dentre elas a luta pelo meio passe e pela estadualização ou federalização da FUNM, não como reflexo de “estruturas” econômicas ou políticas. Pensar as movimentações estudantis a partir de projetos e desejos vivenciados e compartilhados pelos estudantes nos leva a pensar quais utopias moviam e movimentavam esses sujeitos sociais na sua constituição na história, isto é, na luta de classes. Todas essas reivindicações estudantis mencionadas ao longo do artigo não dizem respeito apenas à lógica econômica dos custos e benefícios, mas vão ao encontro das lutas pela democracia e pela cidadania no país. No que se refere à batalha pelas Diretas Já, as diversas lutas empreendidas pelos estudantes não deixam de possuir ligação com as movimentações contra a Ditadura Militar.

O artigo de Marco Aurélio Garcia ainda traz outros elementos interessantes para pensarmos esse momento. O autor destaca a forma reveladora pela qual o discurso oposicionista reage aos acontecimentos no ABC Paulista, pois a classe operária foi assimilada ao projeto liberal de “redemocratização” e passou a ser visto como uma variável desse processo, “o mais novo componente desta sociedade civil onde as classes se diluem, onde todos os gatos são pardos”. O movimento oposicionista aproveitou-se das brechas abertas no rígido edifício da Ditadura:

Mas o fato de suas lutas aparecerem com o objetivo de atendimento de reivindicações imediatas – salários, condições de trabalho, etc. – permitiu, no entanto, que o discurso oposicionista realizasse uma extraordinária operação de apropriação indébita: o movimento operário passou a ser simplesmente considerado como uma aquisição de frente democrática pelo restabelecimento do Estado de Direito. As reivindicações operárias – ‘específicas’ – se transformaram na particularidade de um projeto democrático-burguês de reorganização social e política do país, apresentando como mais ‘amplo’, mais ‘geral’ (GARCIA, 1982, p. 15)

Essa passagem do artigo de Marco Aurélio Garcia é significativa na medida em que nos instiga a pensar que a luta pela estadualização ou federalização da FUNM não constitui uma reivindicação exemplificada a partir de um projeto democrático-burguês. As considerações apresentadas nos levam a pensar as movimentações estudantis como parte constitutiva do processo de constituição e instituição dos estudantes na cidade, isto é, na correlação de forças entre os diversos moradores da cidade.

Nos anos 80, não houve conflito direto entre os militares e os estudantes na cidade de Montes Claros, embora haja registros de manifestações de repúdio à Ditadura, que marcou o meio estudantil não apenas com a repressão. A partir dela, os militares tornaram-se o grupo que passou

a ser visto cada vez com maior desconfiança. José Eustáquio, que no ano de 1981 era presidente do DA-FAFIL, em entrevista à edição especial do jornal “18 anos da FAFIL”, editado em abril de 1982 pelo mesmo diretório, fez um balanço do regime militar e concluiu que:

a violência que praticou contra os estudantes nos idos de 64 a 70 teve o dom de castrar e inibir o estudante em todas as suas manifestações. Com isto, estamos a ver que dentro de todas as comunidades políticas já não existem lideranças capazes de provocar uma motivação (ACAHis, 1982).

O conjunto do jornal, produzido com máquina de datilografia pelos estudantes, conflui para construir o discurso de que, apesar dos anos de autoritarismo, a FAFIL é um lugar onde os sujeitos sociais vivem e elaboram noções e premissas que questionam e constroem alianças com a ordem estabelecida. É notória a crítica ao regime militar, expressa de forma clara e direta nessa passagem, bem como em outras partes do periódico. Ele interpreta o momento e pontua a desmotivação dos movimentos sociais na luta contra a repressão, atribuída à violência impetrada contra os estudantes e outros grupos. A Ditadura delegou aos estudantes não somente a perda dos seus sonhos, mas os marcou, estereotipando para a sociedade um modelo de juventude irresponsável.

Essas construções e produções de percepções estereotipadas sobre os estudantes, bem como as críticas a elas, são percebidas em vários momentos. Márcia Beatriz fala sobre uma festa realizada pelo DCE, que representa um episódio importante:

Era uma festa de estudantes como outra qualquer, com bebida, dança. Mas [a publicação de textos que afirmam que os estudantes da FAFIL são loucos] é uma forma de desmobilizar o movimento. Aí começaram a jogar para a imprensa que todo estudante, principalmente da FAFIL que mexia com o DCE de humanas, né, era o pessoal doido. [...] Então estavam sempre veiculando isso (que a gente usava drogas), com festas muito loucas e tal (ISABEL; XAVIER, 2006).⁸

E, como expõem as entrevistadas Márcia Beatriz e Ely Isabel, parecia recorrente a estratégia de relacionar os estudantes a baderneiros e drogados. Nesse período, a FAFIL seria o lugar onde os maiores subversivos estariam. Até mesmo porque as principais lutas e reivindicações partiam do DA dessa faculdade, uma vez que, no discurso dos militares, os estudantes seriam afeitos a ideias ditas subversivas, principalmente os ligados às áreas das humanidades, a partir da suposta conduta irresponsável que os caracterizaria.⁹

⁸ (Entrevista realizada em dupla, sendo que as partes em parênteses foram ditas por Ely Isabel e as sem parênteses por Márcia Beatriz). As partes entre colchetes constituem esclarecimentos quanto ao texto.

⁹ Maria Hermínia e Luis Weis relatam isso ao pontuar que: “A hostilidade do regime ao mundo acadêmico, em especial aos cursos de humanidades, tidos com ‘antros de subversão’, só fazia aumentar o poder de sedução da vida universitária

Mesmo após o fim da Ditadura, perdurou certo clima de repressão e de medo de seu retorno. Esse período marcou de diversas formas os estudantes que vivenciaram o movimento estudantil em Montes Claros. Gy Reis Brito, que foi presidente do DEMC em 1984 e do DA-FAFIL em 1988, depois que foi perguntado sobre a Ditadura Militar, lembrou que “nesse período aí a gente era observado. Tinha os olheiros, né? Da polícia secreta, tanto militar, quanto do exército, como o DOPS, da polícia civil. [...] A gente percebia com frequência a presença de militares à paisana” (BRITO, 2008). Os estudantes, como Gy Reis Brito, que vivenciaram o movimento estudantil, sendo ligados a entidades consideradas esquerdistas, como o PCdoB, em suas narrativas, trazem à tona referências à censura e à repressão.

Márcia Beatriz comenta que, nesse contexto, algumas coisas ainda eram realizadas com um clima de medo e certo receio, pelo fato de existir o “Centrão”, segmento político que representava o lugar em que se encontravam integrantes da direita. Em entrevista produzida simultaneamente com duas ex-militantes, quando da abordagem do tema sobre a atuação dos agentes da direita, as entrevistadas Márcia Beatriz e Ely Isabel começaram a falar ao mesmo tempo e de repente as palavras começaram a manifestar-se em tom baixo, como se elas estivessem falando algo proibido. Sobremaneira, o tom baixo da voz, quando Ely Isabel afirmou “tinha o cara da Ditadura”, expressa uma lembrança latente de sua vida, pois falar sobre esse assunto em público seria encarado como algo necessariamente proibido naquele momento.

Numa entrevista em dupla, as memórias de um passado recente se misturam em uma experiência única em que a individualidade de cada lembrança cede espaço a uma trama que é construída na coletividade, embora guarde consigo as particularidades de cada entrevistado(a), que interpreta o que viveu. De repente, o rememorar torna-se constante e sentimentos de nostalgia, medo, alegrias e tristezas imiscuem-se e transformam-se em fios que compõem teias das experiências humanas. Num momento em que as pessoas viveram um período de repressão, as misturas de sentimentos tornam-se cada vez mais latentes:

Eu lembro daquele que era... eu não lembro o nome dele, eu lembro o povo e não lembro... que era primo daquela amiga nossa... que ele era olheiro (tinha o cara da Ditadura) da Ditadura (um policial que ele ficava por ali. Ainda existia o SNI). Ele não era aluno da faculdade, mas vivia lá (ISABEL; XAVIER, 2006).¹⁰

sobre os jovens e o ‘espírito de corpo’ que se formava naturalmente nas escolas, ao qual era quase impossível ficar alheio”. Em outras palavras, os autores afirmam que “sob o autoritarismo, a universidade era o ambiente onde política e vida privada se confundia numa experiência única e inédita” (ALMEIDA; WEIS, 2000, p.364).

¹⁰ (Entrevista realizada em dupla, sendo que as partes em parênteses foram ditas por Ely Isabel e as sem parênteses por Márcia Beatriz).

Logo depois, a entrevistada Ely Isabel afirmou que compreendia que as pessoas, por vezes, criavam que havia a repressão, em virtude do medo e receio do período da Ditadura. Ela comenta acerca dos boatos de que alguém observava o que os estudantes faziam, o que revela que esse medo deixava os partícipes receosos. Tais afirmações das entrevistadas entram em contradição, pois antes elas comentam que havia “o cara da Ditadura”, que vigiava os estudantes, e, depois, Ely Isabel diz que muitas vezes as pessoas criavam que havia a repressão e que essas notícias supostamente seriam boatos. Embora tenha chegado ao fim dos governos militares, o clima de repressão e medo ainda estava presente no meio estudantil.¹¹

As movimentações estudantis na cidade expressam a estratégia de atuação política a partir da presença dos estudantes pelos diversos espaços, dentre eles partidos, Câmara Municipal, no enfrentamento das questões cotidianas que afligiam os brasileiros. As presenças estudantis nas redações dos jornais e em manifestações de repúdio à Ditadura Militar, produziram impressões diversas sobre a juventude naquele momento. Romper com algumas impressões generalizantes e produzir e dotar outras de força constituiu uma ação estudantil. Alguns estudantes questionavam certo preconceito que havia entre os moradores da cidade quanto ao comunismo, aos estudantes da FAFIL que eram vistos muitas vezes como loucos, a participação feminina no movimento, dentre outros. Noutro sentido, por parte de alguns militantes, havia o esforço de dotar a entidade estudantil de maior representatividade entre os estudantes, a fim de se posicionarem como os dotados de consciência para dirigir o movimento e levá-la aos sem consciência. Esse conjunto articulado de situações constituía a correlação de forças presentes na cidade. Dentro da cidade esses estudantes (dentre eles, principalmente os que se diziam comunistas) movimentavam seus moradores em um processo de mão dupla, embora, em relação a outro projeto de cidade previsto por interesses representados pelo poder constituído local, estivessem “fora da cidade”, pois os valores que esses estudantes carregavam eram opostos ao plano de cidade pensado pela elite representada por médicos, advogados e fazendeiros da região.

Pensar na força, vivacidade e vitalidade das experiências vivenciadas por esses estudantes nos anos 1980 em Montes Claros não demanda grande esforço, à medida que muitos desses sujeitos

¹¹ Para o ex-presidente da UBES, Apolinário Rebelo, nos anos 80 “a repressão existia na cabeça do diretor. A repressão existia na cabeça do orientador do centro cívico. A repressão existia de forma velada pelos professores também. Porque eles também eram perseguidos e pressionados”. (Cf.: Entrevista com Apolinário Rebelo disponível no site: <http://www.mme.org.br>. Acessado dia 16 de agosto de 2006.)

citados ao longo do trabalho são conhecidos pela população local na atualidade, estão inseridos na política da região e militam em outros movimentos sociais.

Considerações finais

Os estudantes *movimentavam-se na cidade*, andando pelas ruas, bares, instituições, associações, entidades, escolas, faculdades e bairros e, nesse trânsito, eles também *movimentavam a cidade*, deixando marcas de sua presença quando realizavam manifestações, criticavam representantes do poder local, construía alianças, compromissos, afinidades e falta de afinidades. Nesse trânsito, eles se constituíram historicamente como militantes e sujeitos com direitos, sendo que muitos deles ainda hoje militam em outros movimentos, como pelo direito dos professores e das mulheres, dentre outros. Essas trajetórias reportam-se à participação de muitos estudantes em partidos políticos, redação de jornais, entidades de representação secundarista e universitária, dentre outros espaços. Para pensar esse momento, acreditamos que as movimentações empreendidas pelos estudantes em Montes Claros não se constituía apenas de entusiasmo e romantismo, mas suas reivindicações expressaram desejos, valores e projetos que, em seu conjunto, no trânsito pela cidade ao ocupar diversos espaços, expressavam, constituía e instituía o enredo das lutas pela democracia e pela cidadania.

Referências Bibliográficas:

CHALHOUB, Sidney. Introdução: Zadig e a história. In: _____. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

FENELON, Déa Ribeiro. (org) Introdução. In: **Pesquisa em história**. Cidades. São Paulo: Olhos D'água, 1999.

FENELON, Déa Ribeiro. O historiador e a cultura popular. **História e Perspectivas**. Uberlândia, v. 6. p. 9-23, jan;-jun. 1992.

GARCIA, Marco Aurélio. São Bernardo: A (auto) construção de um movimento operário. **Revista Desvios**. n.01, nov. 1982, p.10-27.

OLIVEIRA, Evelina A. Fernandes de; Soares Dulci, Otávio. Nova cidade, velha política. Um estudo de poder sobre Montes Claros. 1994. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

ROCHA, Wanda. **O Governo militar nas páginas da imprensa montes-clarense**. Monografia. Depto de História, Unimontes, Montes Claros, 2005.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da Ditadura Militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. IN: **O Brasil Republicano**, vol. 4. S.d.

SILVA, Márcia Pereira da. **Em busca do sonho**: história, juventude e repressão: Franca - 1960-1970. Montes Claros: Unimontes, 2001.

VALLE, Maria Ribeiro do. **1968**: o diálogo é a violência. Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil. Campinas: Unicamp, 1999.

VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VIEIRA, Maria do Pilar, PEIXOTO, Maria do Rosário, e KHOURY, Yara Aun. **A Pesquisa em História**. São Paulo, Ática, 1991.

Lista de fontes:

Orais:

BRITO, Gy Reis Gomes. Entrevista concedida a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 04 de agosto de 2008.

ISABEL, Ely; XAVIER, Márcia Beatriz Inácio. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros 15 de outubro de 2006.

OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. Montes Claros, 10 de novembro de 2006.

XAVIER, Eurípedes. Depoimento cedido a Andrey Lopes de Souza. (Fit. Mag.). Montes Claros, 15 de novembro de 2006.

Periódicos:

APAMF. **Jornal do Norte**, 21 de março de 1980a.

APAMF. **Jornal do Norte**, 28 de março de 1980b.

APAMF. **Jornal do Norte**, 01 de abril de 1980c.

APAMF. **Jornal do Norte**, 09 de abril de 1980d.

APAMF. **Jornal do Norte**, 02 de Setembro de 1980e.

APAMF. **Jornal do Norte**, 19 de Setembro de 1980f.

DPDOR. Recorte do **Jornal do Norte**, 17 e 18 de março de 1984.

DPDOR. Recorte do **Jornal do Norte**, 03 de maio de 1984.

ACAHis. Jornal edição especial “18 anos FAFIL”, 29 de abril de 1982.